



# Ocupando novos espaços

Idosos ganham independência tecnológica com o projeto de inclusão digital e celebram cada aprendizado

» ISABELA BERROGAIN  
» LUIZ FELLIPE ALVES\*

Às sextas-feiras, das 9h às 11h, o laboratório webclass do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) se torna ponto de troca entre novas e antigas gerações. É lá que ocorre o projeto gratuito de inclusão digital para idosos, projeto que reúne alunos dos mais diversos cursos da área de computação e o público 60+ interessado em estreitar laços com o mundo virtual. Sem necessidade de cadastro ou inscrição, os idosos aprendem semanalmente a como aprimorar o uso de ferramentas do celular e computador.

Professora e coordenadora do projeto, Kerlla Luz destaca que a principal característica da turma é não funcionar em um regime tradicional. “Percebemos que o formato de encontros é mais interessante para os idosos. Antes da pandemia, trabalhávamos como um curso mesmo, com professor na frente e os alunos prestando atenção. Hoje, funcionamos como um plano de dúvidas, onde os alunos 60+ vêm e tiram todas as dúvidas que têm”, explica.

Uma das participantes do projeto, Margarida Rodrigues, 71 anos, afirma estar bem antenada com a tecnologia. “Sem esse aprendizado, nós ficamos para trás”. Margô, como gosta de ser chamada, aponta os avanços conquistados a partir dos encontros. “Tudo que aprendemos aqui é útil. Facilitou o dia a dia. Conseguimos falar com as pessoas, marcar um encontro com as amigas, ter uma conta no banco e ficar por dentro do que está acontecendo com o nosso dinheiro, até mesmo ver os preços dos itens no supermercado. Isso, para nós, é muito novo. Sem o projeto para nos ajudar, eu nem sei o que seria da gente”, declara.

Antes de entrar no curso, Margô não tinha nenhum tipo de integração com a tecnologia. “Eu não sabia nem abrir um celular. Muitas vezes, compramos um novo celular e pensamos “E agora?”. É aí que entram projetos como esses, que nos ajudam bastante para que a gente consiga interagir com a tecnologia e seguir em frente”, afirma.

Apesar dos inúmeros aprendizados até então, a aluna ressalta que não pretende parar de ir aos encontros. “Eu ainda tenho muita coisa para aprender. Todo dia o celular tem coisa nova. Ainda temos muito o que aprender”, complementa.

Assim como Margô, Sônia Maria, 77, formada em pedagogia pela própria UDF, voltou à universidade para se familiarizar mais com a tecnologia. “Eu dou algumas derrapadas com o celular novo, que ganhei do meu genro, por isso, os encontros estão sendo muito úteis para mim, para tirar minhas dúvidas”, relata.

Parafraseando o músico Gonzaguinha, Sônia conta que se sente como “uma eterna aprendiz”. “Eu gosto de enfrentar novos desafios. Não é porque somos idosos e aposentados que temos que ficar dentro de casa”, afirma.

“Por isso, esse trabalho com a professora Kerlla tem sido maravilhoso. É muito importante para nós, idosos. Da pandemia para cá, o mundo ficou cada vez mais

Fotos: Ed Alves/CB/D.A. Press



O projeto de inclusão digital da UDF ocorre todas as sextas, de forma gratuita



Lorena Santos (D), 20, orienta Margarida Rodrigues, 71, no uso do celular e do computador

virtual, então, durante a quarentena, foram importantes esses aprendizados para a gente se conectar com o mundo”, diz.

No curso, um dos principais diferenciais para Sônia é a participação ativa dos monitores. “Temos um atendimento personalizado, trazemos nossas perguntas e somos atendidos maravilhosamente”, elogia. Para ela, a diferença de idade entre as gerações não é uma barreira: “Há um intercâmbio muito saudável. A troca de saberes intergeracional é importante e muito boa para todo mundo”.

## Vivências

Para os jovens monitores, o projeto se converte em horas complementares e também vale como estágio obrigatório não remunerado no histórico acadêmico. Porém, o tempo passado dentro do laboratório de informática da faculdade vai muito além das obrigações universitárias. Estudante de análise de desenvolvimento do sistema, Lorena Santos, 20, afirma que, com os idosos, ela aprende mais do que ensina. “Eu recebo algo diferente com cada pessoa que eu ajudo. Eles têm muitas vivências, muitos ensinamentos para compartilhar”, reconhece.

Monitor do curso há cerca de dois meses, Matheus Azevedo, 18, aplica alguns dos aprendizados adquiridos na vida pessoal: “Eu falei para um dos alunos que queria começar a investir, e agora ele está me ensinando sobre o mundo financeiro”, compartilha o aluno de engenharia de software.

“Outra aluna minha, que é médica, estava me passando algumas recomendações para eu cuidar melhor da minha saúde. Então, é uma via de mão dupla, ensino algo para eles, e eles me ensinam de volta”, acrescenta o estudante que pretende continuar no projeto até o fim da graduação.

Segundo Matheus, que auxiliava o avô com questões tecnológicas, o curso é importante para que os idosos se tornem mais independentes. “Com as aulas, podemos evitar com que eles caiam em golpes ou ajudá-los em coisas básicas do dia a dia, como pedir um transporte de aplicativo ou fazer uma transferência bancária segura pelo celular, por exemplo”, cita.

Segundo Lorena, muitos dos alunos chegam à monitoria sem nem saber por onde começar. “Muitas vezes, eles não sabem nem o que perguntar, porque não sabem o que precisam aprender ou estão fazendo de errado, é nosso papel mostrar”, explica. “Portanto, quando os vemos comemorando ao conseguir fazer algo sozinhos é muito gratificante. Muitos se acham incapazes, ficam com medo de fazer alguma besteira, nós ensinamos, e eles entendem, é muito satisfatório para os dois lados”, afirma.

\*Estagiário sob a supervisão de José Carlos Vieira



Confira vídeo com participantes do projeto de inclusão



**Eu recebo algo diferente com cada pessoa que eu ajudo. Eles têm muitas vivências, muitos ensinamentos para compartilhar”**

**Lorena Santos,**  
monitora do projeto



## Minha Brasília

MARIANA NIEDERAUER

## Meu berço esplêndido

Qual é a sua Brasília? Que Brasília te move, te inspira, te acolhe, te acalma? Entre um ou outro eixo, entre as cidades que formam uma capital jovem e potente, o que te faz sentir em casa nessa terra seca, quente e árida fincada no meio de um planalto ornamentado e alimentado pelo cerrado?

A minha Brasília é a dos parques. A das esquinas invisíveis. A da confusão organizada das tesourinhas. Dos sotaques diversos. Da timidez dos barulhos. É o vão infinito aberto pelos pilotis nas superquadras, com direito a bate-papo e a brincadeira de pique-pega, andanças de bicicleta pelo Eixão ou por outros eixos que se formam no Plano Piloto de Lucio Costa.

Brasília, para mim, é berço. Esplêndido. Numa volta despretensiosa pela cidade, encontro o hospital onde nasci, os outros onde dei à luz, o prédio que meu avô construiu, o primeiro em que meu pai

morou nessas terras, as igrejas que marcaram casamentos, batizados e despedidas.

Quando contei para minha filha que todos os bisavós dela eram mais velhos do que Brasília, ela se impressionou. Afinal, como é possível uma pessoa ter mais anos de vida do que uma cidade? Pois aqui o impossível acontece: o céu é o limite para a realização dos nossos sonhos. E como o de Brasília se estende no horizonte sem-fim, com tons de laranja e rosa no fim de tarde, a poesia do firmamento se torna combustível para ir mais longe.

Entramos na terceira geração de brasilienses. Os pioneiros desse projeto ousado que se tornou a capital federal criam seus bisnetos sobre o solo onde, antes, só viam o barro vermelho. As memórias daquele tempo ainda são palpáveis no relato deles. É um privilégio ter contato com pessoas que viveram a história e podem contá-las sob seus pontos de vista.



Pacífico

São médicos, arquitetos, profissionais da segurança, pedreiros, eletricitas, músicos, porteiros, vendedores, bancários, diplomatas, servidores públicos, jornalistas, escritores, políticos e tantos outros que transformaram esse espaço em lar e preencheram cada canto do quadradinho com monumentos que completam as obras de Niemeyer.

Essa visão nostálgica da cidade é a que ainda permanece no meu

imaginário. Sinto segurança e liberdade ao andar pelas ruas ou buscar um endereço para tomar um café e descansar no fim de semana. É esse sentimento de pertencimento que nutre meu amor pela cidade e o respeito que espero transmitir para cada um dos cidadãos — brasilienses ou não — pelos quais eu esbarro por aqui.

Em sua Sinfonia da Alvorada, Vinícius de Moraes descreve bem a contradição em forma de cidade que se ergueu

no centro do Brasil. “No princípio era o ermo / Eram antigas solidões sem mágoa. / O altiplano, o infinito descampado / No princípio era o agreste: / O céu azul, a terra vermelho-pungente / E o verde triste do cerrado. / Eram antigas solidões banhadas / De mansos rios inocentes / Por entre as matas recortadas. / Não havia ninguém. A solidão / Mais parecia um povo inexistente / Dizendo coisas sobre nada.”

O feito de construir a cidade nesse cenário exigiu dos bravos candangos homenageados na Praça dos Três Poderes sangue, suor e lágrimas. Hoje, não é diferente. Brasília se transforma nas suas contradições e enfrenta desafios de grandes centros urbanos — privilegiada no centro e castigada na periferia.

Mas há algo aqui que envolve e cativa, um espírito empreendedor entranhado nas vigas de concreto montadas a muitas mãos. A minha Brasília é essa que transborda descobertas e ativa um caldeirão de cultura.